Reflexos
ISSN : 2260-5959
Éditeur : Université Toulouse - Jean Jaurès

9 | 2025
Lumières et politique dans le monde ibéro-américain

As Letras Pátrias no Brasil, uma cultura contrarrevolucionária? (c. 1830 - c. 1850)

Les Letras Pátrias *au Brésil, une culture contre-révolutionnaire ? (c. 1830 - c. 1850)*
Letras Pátrias *in Brazil, a counter-revolutionary culture (c. 1830 - c. 1850)*

Sébastien Rozeaux

http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1951

Référence électronique
Sébastien Rozeaux, « As Letras Pátrias no Brasil, uma cultura contrarrevolucionária? (c. 1830 - c. 1850) », *Reflexos* [En ligne], 9 | 2025, mis en ligne le 16 mars 2025, consulté le 27 août 2026. URL : http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1951

Droits d'auteur
CC BY

As Letras Pátrias no Brasil, uma cultura contrarrevolucionária? (c. 1830 - c. 1850)

Les Letras Pátrias *au Brésil, une culture contre-révolutionnaire ? (c. 1830 - c. 1850)*
Letras Pátrias *in Brazil, a counter-revolutionary culture (c. 1830 - c. 1850)*

Sébastien Rozeaux

PLAN

A estadia em Paris nos anos 30 e a gênese das Letras Pátrias
Manifestos por uma poética espiritualista
A filosofia eclética como baluarte contra o sensualismo e o materialismo
A adaptação do ecletismo no Brasil
As Letras Pátrias em vez da bandeira romântica
Conclusão

TEXTE

1 O projeto de fundação de uma literatura nacional no Brasil foi formulado a partir da década de 1830 por um punhado de jovens escritores, do Rio e de Paris. A trajetória intelectual coletiva desses jovens inscreve-se plenamente no clima contrarrevolucionário que prevalecia na Europa, desde 1815 e o Congresso de Viena. Assim, as chamadas "Letras Pátrias" - letras em que o patriotismo é o valor primordial - são definidas, em certa medida, como uma reação às ideias herdadas do Iluminismo, acusadas de terem mergulhado a Europa no horror da revolução e da guerra civil[1]. Os escritores brasileiros reivindicaram seu apego à religião católica e elogiaram as virtudes da filosofia eclética, em plena expansão na França, na medida em que rompeu com o sensualismo e o materialismo atribuídos ao Iluminismo. Não se tratava de recusar o Iluminismo como um todo, principalmente em sua versão francesa, mas de inserir a nova cultura nacional no Brasil em uma filosofia da história compatível tanto com a exigência de modernidade, da qual o império constitucional brasileiro desejava ser uma encarnação, quanto com o espírito contrarrevolucionário ao qual esses escritores do Brasil império, muitas vezes descritos como "românticos", haviam sido formados em seus anos de estudo.

2 Neste trabalho, proponho enfatizar os processos de recepção e adaptação das ideias herdadas do Iluminismo que foram mobilizadas na formação das Letras Pátrias, durante as primeiras décadas da fundação deste movimento intelectual e literário, entre os anos 1830 e 1850. Este período de gestação foi marcado por uma intensa circulação cultural entre o Brasil e a Europa, particularmente a França. Para entender o papel desempenhado pela contrarrevolução no projeto de fundação de uma cultura nacional no Brasil, é essencial adotar as ferramentas de análise das circulações culturais transnacionais, e em particular o conceito de transferência cultural.

3 De fato, as formas de interculturalidade operam na definição de uma cultura nacional, como Michel Espagne e Anne-Marie Thiesse estabeleceram em seus trabalhos respectivos [2]. Para ir além da perspectiva muitas vezes restringente da "influência" de um modelo dominante, a circulação de mercadorias, pessoas e ideias entre diferentes espaços deve ser entendida em sua reciprocidade, além do fato de implicar profundas modificações no processo de recepção-adaptação, que a análise deve levar em conta:

> As relações entre culturas [...] parecem ser geralmente estabelecidas em níveis heterogêneos, como se cada livro e cada teoria tivessem uma função radicalmente diferente daquela que lhe foi atribuída em seu contexto original. A noção de transferência cultural implica assim a ligação de dois sistemas autônomos e assimétricos [3].

4 A transferência é determinada sobretudo pela conjuntura do contexto de recepção, que define o que pode ser importado ou o que, já presente em uma memória nacional latente, deve ser reativado para servir nos debates contemporâneos [4]. É, portanto, à luz desta exigência que devemos entender por que e em que medida as *Letras Pátrias* se construíram através de um constante diálogo com os "romantismos" europeus, um diálogo marcado às vezes pela incompreensão, distanciamento e até mesmo rejeição. É assim que poderemos apreender melhor a natureza das ligações entre as Letras Pátrias e o pensamento contrarrevolucionário.

5 A formação das *Letras Pátrias* é o resultado de um longo e complexo processo genético, em conexão constante com os romantismos europeus. Embora a estadia na Europa de muitos escritores esteja no cen-

tro do processo de formação da literatura nacional, o termo "Romantismo" não foi transferido para o Brasil[5]. A definição do "grande monumento nacional" brasileiro (assim José de Alencar define a literatura nacional) é, portanto, inseparável de uma reflexão sobre a natureza das trocas interculturais que ligaram o Brasil à Europa durante estas décadas de formação[6]. E o prisma do Iluminismo e da contrarrevolução constitui uma porta de entrada muito pertinente para a compreensão destes fenômenos.

A estadia em Paris nos anos 30 e a gênese das Letras Pátrias

6 A história literária, que começa a ser definida logo no século XIX, faz do ano de 1836 o ponto de partida da longa marcha em direção à emancipação cultural e literária do Brasil[7]. Isto se justifica por um duplo evento editorial, parisiense e brasileiro: por um lado, a publicação de uma nova revista literária; por outro lado, a publicação da segunda coletânea de poemas de Gonçalves de Magalhães, intitulada *Suspiros poéticos e Saudades*.

7 No Brasil império, os anos da Regência foram um período de grande instabilidade política. Desde o exílio de seu pai, Pedro I, que havia retornado ao reino de Portugal, o príncipe herdeiro, ainda muito jovem para governar, foi assistido por regentes que lutaram para tentar estabelecer a legitimidade do poder central dentro das fronteiras do império. A década de 30 também corresponde aos anos formativos de um punhado de jovens estudiosos que estabeleceram os princípios de uma "reforma" literária que poderia contribuir para a consolidação de um império ainda frágil. Gonçalves de Magalhães tinha vinte anos de idade quando Pedro I voltou para Portugal. Sendo estudante, fez amizade com um jovem pintor, cinco anos mais velho, que havia deixado a província do Rio Grande do Sul para se estabelecer no Rio de Janeiro em 1827, Manuel de Araújo Porto Alegre. Ambos compartilharam a mesma paixão pelos estudos, o que os levou a seguir cursos de artes plásticas sob a direção de Jean-Baptiste Debret, assim como os cursos de filosofia que Monte Alverne ministrava no seminário de São José[8]. Quando Debret decidiu retornar à França em 1830, Araújo Porto Alegre foi autorizado a acompanhá-lo na viagem. Gonçalves de Magalhães e Francisco de Sales Torres Homem, que havia sido seu

colega na Faculdade de Medicina, também foram para Paris em julho de 1833.

8 A estadia em Paris é vista aqui, não sem razão, como um passo importante na concepção do projeto de fundação das Letras Pátrias. Araújo Porto Alegre, Gonçalves de Magalhães e Torres Homem permaneceram lá até 1837. A cidade de Paris nos anos 1830 vê o florescimento deste romantismo liberal que foi bem recebido na América Latina, alimentado por uma filosofia eclética, numa época em que era preciso encontrar um equilíbrio entre a manutenção de uma estrutura socioeconômica colonial e novas práticas políticas e culturais, correspondentes à nova exigência do liberalismo e da "modernidade [9]".

9 Em 1832, Araújo Porto Alegre encontrou-se em Paris com Almeida Garrett, um dos fundadores do Romantismo português. Em 1855, o brasileiro fez o elogio funerário do autor português perante os membros do Instituto de História e Geografia do Brasil (IHGB). Nele menciona dois trabalhos iniciais, *Camões* (1825) e *Dona Branca* (1826), que o influenciaram em seus anos de formação:

> Na primeira reslumbra o patriotismo, a missão do poeta elevado a generoso para com a sua nação; a livre mais sensata inspiração guiando a sociedade, e com ela a religião severa, santa e desinteressada. (...) estes dois poemas, filhos da escola byroniana, abateram a poesia idolatra, a musa plástica e anacrônica do paganismo, e abriram à juventude portuguesa essa nova época literária que tanta honra lhe faz [10].

10 O discurso lembra algumas das principais ideias que levaram à criação das Letras Pátrias: o patriotismo, a liberdade do gênio poético e um profundo apego à religião cristã. O prefácio da primeira edição de *Camões* é, de fato, um verdadeiro manifesto a favor da inovação em matéria literária. Assim, o poeta se emancipa das regras do drama clássico e reivindica sua liberdade criativa: “Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma [11])”.

11 Em Paris, o pequeno grupo de principiantes literários conseguiu integrar-se à vida intelectual parisiense, particularmente através do novo *Institut historique de Paris*, graças ao patrocínio de um de seus fundadores, Eugène de Monglave, que havia mantido o interesse pelo

país e sua cultura desde sua estadia no Brasil [12]. O instituto foi fundado em 1834 e contava com quase cinquenta brasileiros recrutados durante os anos de 1830-1840 – a maior delegação estrangeira da época [13]. Ofereceu aos jovens estudantes a oportunidade de apresentar várias dissertações sobre o estado atual do Brasil. Entretanto, isto pressupunha elaborar um discurso coerente, alimentado por leituras, discussões em cafés e salões, mas também por aulas assistidas na Sorbonne, sobre a questão do estado da filosofia, das artes ou da literatura no novo império. Essas diversas apresentações alimentaram alguns meses depois, os dois números da revista *Nitheroy*, publicada em Paris, e considerada um marco fundador para as Letras Pátrias.

12 A revista trata de uma variedade de assuntos, que vão da literatura às artes e ciências, assim como economia e política. Ao fazer isso, reúne cultura e política em torno de uma causa comum, a nação:

> As ciências, a Literatura Nacional e as Artes que vivificam a inteligência, animam a indústria, e enchem de glória e de orgulho os povos, que as cultivam, não serão de nenhum modo negligenciadas. E destarte, desenvolvendo-se o amor e a simpatia geral para tudo que é *justo*, *santo*, *belo* e *útil*, veremos a pátria marchar na estrada luminosa da civilização, e tocar ao ponto de grandeza, que a Providência lhe destina [14].

13 O discurso ao leitor pode ser lido como o manifesto fundador das Letras Pátrias. Revista generalista e "brasileira", *Nitheroy* consagra um lugar de destaque às belas-letras. Em particular, a resenha por Torres Homem de *Suspiros Poéticos e Saudades* é o primeiro passo de uma estratégia coletiva e de comum acordo para fazer da obra a primeira pedra do panteão das Letras Pátrias. Magalhães é apresentado como o arauto de uma "nova escola", "ardente de futuro, e de glória, com a cabeça repleta de harmonias, e o coração pesado de nobres emoções [15]".

14 A capa da coletânea em questão reproduz uma litografia de P. Langlois que representa uma lápide sobre a qual uma cruz de pedra se levanta, um monumento cristão erguido no meio de uma natureza exuberante.


SUSPIROS
POETICOS,
E SAUDADES,
POR
D. J. G. DE MAGALHAENS.
13142
Rio de Janeiro,
EM CASA DO SENHOR JOÃO PEDRO DA VEIGA,
Rua da Quitanda, canto da de S. Pedro.
Paris,
DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,
Passage des Panoramas, 35.
1836.

15 A escolha da ilustração, que faz eco à "Terra da Santa Cruz", é perfeitamente coerente com o projeto do poeta, tal como é exposto no aviso que abre a coletânea, onde o autor revela as raízes cristãs de sua poesia:

> O Poeta sem Religião, e sem Moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede.

> Ora nossa Religião, e nossa Moral, é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa, e a América: e só este balsamo sagrado devem verter os cânticos dos Poetas Brasileiros [16].

16 Assim, a obra inaugural das Letras Pátrias reivindica que o catolicismo é constitutivo da identidade brasileira (e, mais amplamente, ocidental) e que é a religião que liga a nação ao "mundo moderno", do qual a Europa é o berço.

Manifestos por uma poética espiritualista

17 Entretanto, este ato de fé está explicitamente inscrito, como eu gostaria de mostrar aqui, no movimento de renascimento do sentimento religioso na Europa, após a Revolução Francesa. No ensaio *Génie du christianisme* (*Gênio do Cristianismo*, 1802), Chateaubriand afirmou que o continente tinha entrado em uma "nova era do século literário", reatando com o legado católico dos séculos passados. A obra, que visa "restaurar a influência salutar da religião", lembra o quanto esta inspirou obras-primas nas belas-letras [17]. Para Chateaubriand, "a religião é o motivo mais poderoso para o amor da pátria; escritores piedosos sempre espalharam este nobre sentimento em seus escritos". A segunda e terceira parte da obra elogiam a "poética do cristianismo" e condenam o poeta incrédulo, do qual Voltaire seria a encarnação exemplar:

> Um escritor que se recusa a acreditar em um Deus que é o autor do universo e o juiz dos homens cujas almas imortais ele fez, primeiro bane o infinito de suas obras. Ele encerra seu pensamento em um círculo de lama, do qual ele não pode mais escapar. Ele não vê nada de nobre na natureza; tudo é feito por meios impuros de corrupção e regeneração [18].

18 Chateaubriand justifica a inferioridade do "século literário" que chega ao fim por sua "irreligião". A salvação das letras pressupõe, portanto, que elas sejam regeneradas pela fé cuja essência tem inspirado tantos grandes escritores. O sentimento religioso também alimenta o patriotismo. E o autor propõe a seguinte equação: religião + louvor à natureza = patriotismo :

> Se o homem religioso ama a sua pátria, é porque seu espírito é simples e os sentimentos naturais que nos prendem aos campos de nossos antepassados são como o fundo e o hábito de seu coração. Ele dá a mão a seus pais e filhos; ele é plantado no solo nativo, como o carvalho que vê suas velhas raízes afundando na terra abaixo dele e brotos nascentes em seu cume olhando para o céu [19].

19 Encarnação do pensamento contrarrevolucionário na França, Chateaubriand foi um autor lido e apreciado pelos jovens escritores brasileiros da década de 1830, especialmente aqueles que, como Gonçalves de Magalhães, estavam hospedados em Paris na época. Assim, na coletânea de 1836, encontramos as ideias do *Gênio do Cristianismo* adaptadas ao Brasil: o patriotismo é baseado na religião para melhor exaltar a natureza e a nação.

20 Em um artigo intitulado "Considerações gerais sobre a literatura brasileira", Joaquim Norberto de Sousa Silva elogia a obra de Magalhães que "dando o sinal para a reforma se constituiu chefe de uma revolução toda literária [20]". A ideia de revolução sublinha a ruptura temporal e paradigmática que a literatura experimentou no Brasil na década de 1830. O ideal reformista, cuja genealogia remonta sem dúvida à filosofia do Iluminismo, é reinvestido pelos idealistas das Letras Pátrias em nome do progresso e da civilização. Ferdinand Wolf, um dos primeiros historiadores da literatura brasileira, consagra uma longa resenha no *Le Brésil littéraire* (1863) à coletânea de Gonçalves de Magalhães, apresentada como o monumento fundador da literatura nacional:

> Um verdadeiro entusiasmo pela revelação divina do cristianismo e pelo bem da pátria, um sentimento muito vivo pelas belezas da natureza, um exame cuidadoso de sua semelhança com a vida humana, meditações morais e religiosas inspiraram de fato esses "*Suspiros poéticos e Saudades*"; nada frívolo, nenhuma discordância perturba sua harmonia e o tom elegante com que transbordam; o próprio amor só raramente encontra lugar neles, e sempre de uma maneira séria e ideal [21].

21 Francisco de Sales Torres Homem, que escreveu uma crítica muito positiva da coletânea na revista *Nitheroy*, também foi o autor do manifesto da nova revista literária *Minerva Brasiliense*, em 1843. Este artigo, intitulado "Progresso do Século Presente", expõe as principais ideias defendidas pela revista, da qual participaram Araújo Porto Alegre, Joaquim Norberto de Sousa Silva e Santiago Nunes Ribeiro, entre muitos outros. Torres Homem louva a reabilitação do cristianismo que ocorreu na Alemanha e na França, e também retoma o empreendimento já realizado por Chateaubriand de defender e ilustrar as virtudes da Igreja através dos tempos:

> Se queremos conhecer sua influência sobre os progressos das sociedades, vemos o cristianismo abrindo as fontes da antiguidade, conservando a tradição das letras no meio do dilúvio da barbaridade, a das sombrias revoluções da Europa moderna, estabelecendo a civilização com as artes ; a política e humanidade, girando o universo precedido do archote de uma luz divina, que domina o tempo. (...)

> Em conclusão, compreende-se, que o cristianismo considerado em sua doutrina, em sua moral, em suas instituições, em seus benefícios e na sua história, oferece em tudo com riqueza inesgotável santas máximas para a viagem da vida, sentimentos para o coração, e a verdadeira solução do destino humano [22].

22 Este texto fundador de uma das principais revistas literárias do Brasil na era imperial faz da religião o alfa e ômega do progresso de qualquer sociedade humana, o escudo contra as ameaças da barbárie e o protetor da "tradição das letras". Alguns meses depois, a revista publicou um artigo de Adolphe Mazure, traduzido por Januário da Cunha Barbosa, intitulado "Influência do Espiritismo no Gênio Literário", no qual o autor rejeita claramente as ideias materialistas na literatura [23].

23 No ano seguinte, o jovem escritor Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa publica nas primeiras páginas da sua obra *Os Três Dias de um Noivado* (1844) "Alguns pensamentos". Trata-se de um longo argumento para denunciar mais uma vez os males do sensualismo e da descrença, e para sublinhar bem pelo contrário a importância do sentimento religioso para o homem:

> é dessa ideia sublime, que dimanam as ideias de uma religião benéfica, de uma moral santa, e de uma virtude inabalável! e essas são as ideias, que mais quis eu que sobresaíssem, e esplendecessem no meu Poema [24] !

24 O prefácio reinveste no campo da criação literária os princípios fundadores da renovação espiritual que acompanha a fundação das Letras Pátrias desde os anos 30. Junqueira Freire, um jovem monge e poeta baiano, também celebra a revolução romântica, na qual acredita ver a glorificação da mensagem divina:

> D. Romualdo Antônio de Seixas [25], um dos maiores literatos que o Brasil possui, não pode desconhecer no romantismo a essência religiosa, que lhe é consubstancial: não pode negar que esta nova escola tem por sinal característico o tomar seus assuntos e suas inspirações na Bíblia, e ali beber uma palavra com a fé do cristão, ardente como o seu amor [26].

25 Assim, a poética espiritualista, visualmente encarnada no frontispício da coletânea de Gonçalves de Magalhães, define o cânone literário das Letras Pátrias.

A filosofia eclética como baluarte contra o sensualismo e o materialismo

26 Ao seguirem o exemplo de Gonçalves de Magalhães ou Teixeira e Sousa, muitos dos fundadores das Letras Pátrias enfatizaram a dimensão moral da fé religiosa [27]. Santiago Nunes Ribeiro, em um artigo publicado na *Minerva Brasiliense* de 1843, denunciou o perigo dos livros inspirados na "filosofia sensualista" do século XVIII, em nome da superioridade da verdade divina e de uma filosofia cristã que invalidou muitas ideias herdadas do Iluminismo: “Neutralizar, pois, os efeitos da instrução danosa que esses livros nos hão dado, elevar depois o sentimento moral à altura da sua divina essência, é sem dúvida a missão da literatura atual dos grandes povos [28]”.

27 A luta contra o sensualismo tomou caminhos diferentes, literários e filosóficos. M. M. Carvalho, em um artigo intitulado "Filosofia no Brasil" publicado em 1844 na mesma revista, menciona a filosofia eclética de Victor Cousin para denunciar a devastação do materialismo no Brasil: “O materialismo equivale ao indiferentismo e incredulidade em religião, ao interesse pessoal, à anarquia em política, ao desprezo e abandono nas artes, à desconfiança e torpor na agricultura e comércio, a superficialidade, arrogância nas ciências [29]”.

28 O autor compara o materialismo e a descrença religiosa a um ataque à pátria, tanto no plano econômico quanto intelectual. O espiritualismo elaborado por Cousin e seus seguidores é uma resposta ao mate-

rialismo de seus antecessores, em particular Condillac[30]. Em seu *Cours* (*Curso*) publicado em 1828, Victor Cousin faz o retrato de uma humanidade inspirada pelo sopro divino: “Deus é claro no mundo que o manifesta e para a alma que o possui e sente. Em todos os lugares presente, ele retorna a si mesmo na consciência do homem, que expressa seus atributos mais sublimes, pois o finito pode expressar o infinito[31].” Defendendo a imortalidade da alma e a existência de Deus, o ecletismo, um termo emprestado à *Enciclopédia* de Diderot, é pelo menos um deísmo e, portanto, compatível com o catolicismo, sem se reduzir a ele.

29 Ao propor uma doutrina filosófica coerente e capaz de pensar o mundo em sua totalidade e profundidade histórica, Cousin traça em seus cursos uma "história da filosofia", levando em conta o fato de que o espírito de uma época se manifesta primeiramente através do meio geográfico e depois pelos elementos constituintes que são a indústria, as leis, a arte, a religião e a filosofia; que este espírito se encarna nos grandes homens, que são os representantes da Ideia na História. Segundo Cousin, a verdadeira história da humanidade é sua história interior, ou seja, a determinação da ideia representada por um povo, uma época, um país. Em suas palestras na Sorbonne, Victor Cousin postula uma humanidade em perpétua evolução rumo à sua perfeição; uma ideia que alimenta o otimismo dos românticos brasileiros na hora de se pensar a grandeza futura de sua nação: “A humanidade tem seu objetivo e, portanto, desde seu ponto de partida até esse objetivo, ela caminha constantemente e com firmeza: ela se aperfeiçoa[32]”.

30 Esta humanidade se divide em unidades autônomas que são os diferentes povos, que os jovens escritores brasileiros enxergam a partir de um princípio de igualdade: “Cada povo representa uma ideia e não outra. Esta ideia, geral em si mesma, é particular em relação àquelas representadas pelos outros povos do mesmo período; é particular, ela é ela e não outra, e como tal exclui todas as ideias que não são ela[33]”.

31 Corrente espiritualista a serviço da nação, o ecletismo encontrou um terreno fértil para se adaptar no Império constitucional brasileiro. Frente à ameaça do materialismo, os escritores brasileiros optaram por brandir a bandeira do pensamento eclético, extraído do campo

intelectual francês e adaptado ao Brasil, onde encontrou verdadeiro sucesso, como o relata Pedro Maria de Oliveira em 1859:

> Três longos séculos de elaboração, de lutas e de reformas foram necessários para fundir a civilização antiga na civilização moderna, para aliar as ideias do finito e do infinito com a sua relação; foi necessário um parto laborioso para a fusão e combinação dos elementos da razão, e a glória desse grande resultado estava reservado ao século XIX, que viu aparecer e triunfar o Ecletismo. Mas o que é o Ecletismo, senão a aliança do Estado com a Igreja, da religião com a filosofia, do principio de liberdade, do céu com a terra, do homem com Deus [34] ?

32 Síntese histórica e filosófica do legado dos séculos passados, o ecletismo permite assim conciliar todos os princípios fundadores da "civilização moderna": o Estado imperial, a Igreja Católica, a liberdade reivindicada pelos românticos e a filosofia espiritualista. A modernidade definida nas colunas da revista literária *Ensaios Literários* integra-se perfeitamente ao projeto das Letras Pátrias e dá ao ecletismo um lugar de destaque no campo intelectual brasileiro.

A adaptação do ecletismo no Brasil

33 A recepção do ecletismo no Brasil se deve muito à mediação de Francisco do Monte Alverne e ao Seminário Episcopal de São José do qual participou no Rio de Janeiro. Em 1829, o franciscano ocupou a cadeira de retórica do bispo do Rio, antes de assumir as cadeiras de filosofia e teologia dogmática alguns anos mais tarde. Como professor, foi responsável pela formação intelectual de muitos jovens estudiosos, incluindo Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre. Foi ele quem os iniciou ao ecletismo de Victor Cousin, alimentando assim alguns temas românticos, como o culto do “eu”, a experiência individual do cristianismo, as artes e as letras colocadas ao serviço da religião, ou a exaltação da pátria [35].

34 Não se deve subestimar a influência dos religiosos, pregadores e pensadores que, desde o início do século, produziram no Brasil obras cheias de religião. Nos anos 1810-1820, a poesia religiosa e a oratória

dominaram o espaço cultural do Rio. Antonio Candido destacou a importância da eloquência sagrada na gênese do movimento romântico:

> A Capela Real, depois Imperial, onde conviviam maestros e pregadores, era uma espécie de sala de concertos e conferências, unindo-se deste modo duas das principais influências formadoras da nova sensibilidade. Homens como os frades Sampaio e Monte Alverne, o cônego Januário (...) ampliavam a ação do púlpito por uma atividade intensa que os tornou mentores da juventude, marcando-a fundamente pelo seu espiritualismo e patriotismo, enquanto a sua retórica permaneceu como paradigma da elevação intelectual [36].

35 Tanto Monte Alverne quanto Borges de Barros popularizaram através de sua pregação uma concepção da palavra a serviço da religião, inspirada em exemplos do passado para nos lembrar, sermão após sermão, a função civilizadora da Igreja. Os oradores da Capela Real ocuparam um lugar de destaque na Corte. Na presença do rei e depois do imperador, suas pregações ajudaram a consolidar a ligação entre a fé e o patriotismo. Em uma revisão crítica das *Obras Oratórias* de Monte Alverne publicada na revista *Guanabara* em 1854, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro conta a longa história da "eloquência sagrada", que teve suas raízes no cristianismo europeu e chegou depois à Corte brasileira [37]. Ele se inspira de Abel-François Villemain, em seu *Tableau de l'éloquence chrétienne au quatrième siècle* [38] (1849), para evocar "a grandeza da missão do orador sagrado", antes de se deter no renascimento desta tradição na França após os tempos catastróficos da Revolução, em particular através da obra de Denis Frayssinous [39]. Fernandes Pinheiro traça um paralelo entre o renascimento na França e a tradição brasileira da eloquência sagrada, herdada dos precursores da veia romântica. Destaca em particular o papel do franciscano Monte Alverne, saudado unanimemente pelas duas primeiras gerações românticas como o pai do pensamento nacional no Brasil.

36 Ele mesmo reivindica ter tido um papel essencial para a geração fundadora das Letras Pátrias, em uma carta de agradecimento ao IHGB em 1847:

> Alguma coisa fiz ou desejei fazer na minha vida para a ilustração do meu país, durante os trinta anos que ocupei o púlpito e a cadeira do

> magistério : alguma coisa fiz para a minha pátria, porque vejo ocupando os cargos de honra, a científicos e literários, muitos dos meus discípulos, e alguns deles com um nome indestrutível aos arremessões da inveja [40].

37 Em um discurso de 1852, Monte Alverne lembra as eminentes funções da religião e do oratório ao serviço dos "impérios" e das "instituições". O orador foi, a seu parecer, a primeira encarnação do "gênio brasileiro [41]". No Rio, portanto, parece que a eloquência do púlpito foi a primeira a manifestar o gênio nacional e assim prefigurou as futuras pretensões de jovens escritores dispostos a fundar uma literatura autônoma.

38 Autor de um *Compêndio de filosofia* composto em 1833 e publicado postumamente em 1859, o franciscano nunca escondeu a sua admiração por Victor Cousin, um gênio que foi capaz de restaurar o "sistema filosófico" sobre as ruínas deixadas pelo sensualismo e idealismo [42]. Em 1833, Gonçalves de Magalhães assistiu às aulas de Théodore Jouffroy, um discípulo de Cousin, na Sorbonne, e informou através de cartas seu mestre no Rio de Janeiro das últimas obras dos filósofos franceses, como a publicação do *Curso* de 1828 de Victor Cousin. Ao ocupar a cadeira de filosofia no Colégio Imperial em 1842, Gonçalves de Magalhães ensinou o pensamento eclético aos jovens estudantes destinados a ingressar na burocracia estatal [43].

39 Uma chave para entender a transferência do ecletismo para o Brasil é a óbvia correspondência entre a filosofia de Cousin e o pensamento político daqueles jovens estudiosos brasileiros que foram os defensores de uma monarquia constitucional liberal e católica, cujos méritos o próprio Cousin elogiou durante a Restauração. Deve-se lembrar a este respeito que esta filosofia havia se tornado a doutrina oficial da Universidade francesa durante a Monarquia de Julho. A influência do *Curso* de 1828 foi considerável sobre a juventude romântica, e sabemos que Gonçalves de Magalhães foi um de seus leitores mais fervorosos.

As Letras Pátrias em vez da bandeira romântica

40 O projeto intelectual e político formulado em Paris não corresponde exatamente ao que era o "romantismo" na França dos anos 1830. Na correspondência de Magalhães, a admiração muitas vezes coabita com o espanto ao comentar as peças de teatro às quais ele assistia. Esta ideia encontra-se também no prefácio de 1839 da tragédia *Antônio José*, onde afirma a originalidade de sua escrita:

> Talvez tenham razão [os críticos], sobre tudo se quiserem medir esta obra com o compasso de Aristóteles e de Horácio, ou vê-la com o prisma dos Românticos. Eu não sigo nem o rigor dos Clássicos, nem o desalinho dos segundos; não vendo verdade absoluta em nenhum dos sistemas, faço as devidas concessões a ambos; ou antes, faço o que entendo, e o que posso [44].

41 Este é, entretanto, um argumento emprestado ao prefácio da obra *Camões* que Almeida Garrett compôs em Paris. O postulado de independência exprime-se através de uma retórica que é também um lugar comum da representação romântica do gênio literário, desse culto do eu que é próprio dos poetas românticos. Com *Antônio José*, Magalhães compõe uma tragédia que rejeita a “exuberância” ou mesmo o “grotesco” do drama romântico francês. No entanto, a recusa das obras de um dos grandes nomes do romantismo francês tem a ver com a filosofia contrarrevolucionária do escritor brasileiro.

42 O espiritualismo dos fundadores das Letras Pátrias justifica a exigência de "beleza moral" na qual se baseia o cânone literário. É em nome dessa exigência que Magalhães condena no prefácio da sua peça *Olgiato*, encenada em 1839, a estética dramática defendida por Victor Hugo, percebida como uma profanação, um rebaixamento da arte e de seu criador:

> Posto que a arte seja livre, diz Mr. V. Cousin, não pode contudo escolher outro fim que não seja o belo moral; nos meios de exprimir é que está a liberdade da arte. Assim todo o artista que, cingindo-se à natureza, contentar-se em copiá-la fielmente, cairá da fileira de artista para o dos obreiros [45].

43 Esta relação ambígua com o romantismo francês se traduz por certa relutância em usar este conceito, já que o “Romantismo” na França não se reduzia às exigências espiritualistas que animavam os jovens literatos brasileiros. A principal razão desta relutância é a inadequação entre um conceito semanticamente complexo e plural, o do "romantismo", e as aspirações da jovem geração de intelectuais brasileiros. Para usar uma metáfora climática, o início do "romantismo" no Brasil corresponderia a uma inversão da geografia continental dos climas: enquanto os romantismos europeus, e em particular a sua versão francesa, carregam consigo ondas violentas e tempestades na década de 1830, o romantismo se adapta no decorrer desses mesmos anos nas latitudes tropicais do Brasil sob a forma de temperança [46].

44 Em 1837, durante as solenidades organizadas pela Sociedade Amante da Instrução em homenagem a Evaristo da Veiga, foram lidas duas composições de Magalhães, este “jovem poeta Brasileiro, que tem sabido aproveitar as belezas da escola moderna, sem lhe aprovar ou imitar os excessos e as extravagâncias, dando às suas poesias uma cor grave e patética [47]”. A modernidade é assim equiparada à moderação que convém às elites brasileiras.

45 Além disso, se o nascimento do romantismo no Brasil corresponde a um efêmero parêntese de cumplicidade intelectual com o liberalismo constitucional francês, a virada conservadora no Brasil a partir de 1837 acentua as divergências. Operou-se no Brasil um duplo distanciamento: à leitura crítica feita por Magalhães e outros intelectuais junta-se a distância induzida pela conversão das elites intelectuais ao conservadorismo saquarema, que se tornou hegemônico por várias décadas no Brasil.

46 Ao voltar ao Rio, os jovens literatos se convenceram das virtudes do projeto saquarema, no qual a cultura era vista como um elemento essencial da política de centralização e consolidação do império. A esperança de uma pacificação da vida política lhes deu a possibilidade de se integrarem ao aparato estatal [48]. Assim, a política saquarema acabou seduzindo os jovens talentos que retornaram ao país, na medida em que preservou a integridade imperial e contribuiu para estruturar o espaço literário em sua dependência ao campo político. Além disso, o jovem imperador, que tinha grande curiosidade pelas

questões intelectuais e que foi educado por seus tutores com a ideia da grandeza da civilização francesa, se tornou durante aqueles anos o primeiro protetor das artes e letras [49].

47 A conversão ao ideário saquarema foi, portanto, uma reação pragmática a uma situação política sobre a qual esses jovens escritores não tinham o controle. É notável, por exemplo, que a abolição da escravidão - embora promovida na revista *Nitheroy* – se tornou um tema tabu a partir de 1837, até reaparecer na praça pública a partir da década de 1860. A conversão das elites imperiais ao dogma da escravidão como um mal necessário acompanhou o crescimento do comércio ilegal de escravos, do qual dependia a prosperidade de uma economia baseada na agricultura de exportação [50].

Conclusão

48 Louvar a fé foi um precioso baluarte em um século conquistado por ideias "positivas", valores específicos da sociedade burguesa que acompanharam a gradual descristianização da sociedade. Ora, os literatos tinham certeza de que a religião era intimamente ligada ao culto da pátria, por um lado, e à civilização ocidental, por outro. Se o pensamento contrarrevolucionário foi constituinte do pensamento romântico nas primeiras décadas do século, fica também claro que o "Romantismo" tomou na década de 1830 rumos novos na Europa, até se tornar incompatível com os princípios fundadores das Letras Pátrias. A primeira geração de intelectuais, embora formados em uma matriz liberal, demonstrou sua capacidade de escolher o que lhes pareciam bom dentro da profusão das manifestações românticas na Europa, na hora de construir o fundamento intelectual sobre o qual construir uma nação unida e comum.

49 Assim, o distanciamento com o legado do Iluminismo, percebido através do prisma da Revolução Francesa e de seus "excessos", explica a condenação do sensualismo e do materialismo, tal como a adesão a um romantismo contrarrevolucionário que já não era hegemônico na Europa dos anos 1830. A adaptação da filosofia eclética no Rio, através da pregação dos oradores e das viagens de estudos em Paris, reflete este compromisso em torno do qual a modernidade política do modelo constitucional conseguiu coexistir com a realidade de um império oligárquico e escravista, cujas estruturas sociopolíticas são

em grande parte herdadas da época colonial. Portanto, é fácil entender a relutância do pequeno meio literário em assumir a bandeira do Romantismo, e sua preferência por expressões alternativas como "Letras Pátrias" ou "literatura pátria" na hora de qualificar a literatura nacional em formação.

50 Em meados do século, à medida que o número reduzido de literatos brasileiros crescia, a unidade intelectual se rompia gradualmente: se a tradição contrarrevolucionária permaneceu no ideário de muitos, já não era tão fundamental para as gerações mais jovens, especialmente entre aqueles intelectuais que se afastam do modelo imperial e até mesmo do lugar da religião na sociedade brasileira [51].

BIBLIOGRAPHIE

ALENCASTRO, Luiz Felipe de, "L'Empire du Brésil", in DUVERGER, Maurice (dir.), *Le concept d'Empire*, Paris, PUF, 1980, p. 301-309.

CANDIDO, Antonio, *Formação da literatura nacional*, Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p. 360.

CANO, Jefferson, *O fardo dos homens de letras: o "orbe literário" e a construção do Império brasileiro*, Tese de doutorado, Unicamp, 2001.

CHARLE, Christophe, ROCHE, Daniel (dir.), *Capitales culturelles, capitales symboliques. Paris et les expériences européennes, XVIIIe-XXe siècles*, Paris, Publications de la Sorbonne, 2002.

CHATEAUBRIAND, François-René de, *Génie du Christianisme*, Paris, Garnier-Flammarion, 1966.

Coleção de diversas peças relativas à morte do ilustre Brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga, Rio de Janeiro, Tipografia Imparcial de F. de P. Brito, 1837.

COUSIN, Victor, *Cours de philosophie. Introduction à l'histoire de la philosophie*, Paris, Fayard, 1991.

COUTINHO, Afrânio dos Santos, *Polêmica Alencar–Nabuco*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1965.

ESPAGNE, Michel, WERNER, Michael, *Transfert. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand*, Paris, Éd. Recherche sur les civilisations, 1988.

FARIA, Maria Alice de Oliveira, "Os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris", *RIHGB*, 1965, p. 68-149.

FERRETTI, Danilo J. Zioni, "Projeto intelectual e inserção política dos primeiros românticos brasileiros: o *Jornal dos debates políticos e literários* (1837-1838)", in BARATA, Alexandre, MARTINS, Maria Fernanda V. e BARBOSA, Silvana M. (dir.), *Dos poderes do Império*, Juiz de Fora, Ed. UFJF, 2014, p. 55-80.

FREIRE, Luís José Junqueira, *Elementos de retórica nacional*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1869.

GARRETT, Almeida, *Camões*, Lisboa, Bertrand e filhos, 1858.

HOMEM, Francisco de Sales Torres, "Bibliografia", *Revista Nitheroy*, 1836, n° 2, p. 246-256.

LEFRANC, Jean, *La Philosophie en France au XIXe siècle*, Paris, Puf, 1998.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de, *Suspiros poéticos e Saudades*, Rio de Janeiro/Paris, João Pedra da Veiga/Dauvin et Fontaine, 1836.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de, *Tragédias. Antônio José, Olgiato, e Otelo*, Rio de Janeiro / Vienna, Garnier / Imperial e Real Tipografia, 1865.

MAZURE Adolphe, *Spiritualisme et progrès social. Esquisses du temps présent*, in *La France littéraire*, 1833, t. X, p. 86-104 et à Paris, chez Delloye, 1834.

MONTE ALVERNE, Francisco de, "Discurso preliminar", *Obras oratórias*, Rio de Janeiro/Paris, Garnier, 1853, p. III-XVI.

MONTE ALVERNE, Francisco de, *Compêndio de filosofia*, Rio de Janeiro, Francisco Luís Pinto, 1859.

OLIVEIRA, Pedro Maria de, "Parecer", *Ensaios Literários*, 1859, n° 3, p. 602-603.

PINHEIRO, Joaquim, Caetano Fernandes, "Eloquência sagrada. Obras oratórias do Rev. Padre mestre frei Francisco de Monte Alverne, Revista *Guanabara*, Rio de Janeiro, t. 2, 1854, p. 215-228 et 369-376.

PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo, "Discurso do orador o Sr. Manoel de Araújo Porto Alegre", *RIHGB*, 1896, t. 18, p. 520.

Revista do IHGB, 1869, t. 9.

Revista *Minerva Brasiliense*, 1843, n° 1; n°7, 1844, n° 8, 15 de fevereiro de 1844.

Revista Nitheroy, "Ao Leitor", 1836, n° 1, p. 6.

RIBEIRO, Santiago Nunes, "Da nacionalidade da literatura brasileira", *Minerva Brasiliense*, n° 1, 1843, p. 7-23.

ROZEAUX, Sébastien, "Splendeurs et misères du 'siècle de dom Pedro II': le mécénat impérial et les *Letras Pátrias* au Brésil (1840-1889)", *Romantisme, revue du XIXe siècle*, 2/2014, n°164, p. 107-119.

ROZEAUX, Sébastien (1), "L'invention des *Letras Pátrias*. Filiation et originalité de la littérature nationale au Brésil (1830-1870)", *in* DUMONT, J., FLÉCHET, A. et M. Pimenta VELLOSO, M. (dir.), *Histoire culturelle du Brésil (XIXe-XXIe siècles)*, Paris, Éditions de l'IHEAL, 2019, p. 265-289.

ROZEAUX, Sébastien (2), *Préhistoire de la lusophonie. Les relations culturelles entre le Portugal et le Brésil au XIXe siècle (1822-1922)*, Aix-en-Provence, Le Poisson Volant, 2019.

ROZEAUX, Sébastien, *Letras Pátrias. Les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil (1822-1889)*, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, Collection "Histoire et civilisations", 2022.

SAPIRO, Gisèle, *La Responsabilité de l'écrivain. Littérature, droit et morale en France (XIXe-XXIe siècle)*, Paris, Seuil, 2011.

SCHWARCZ Lília Moritz, *O Sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*, São Paulo, C^ia das Letras, 2008.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa, "Considerações gerais sobre a literatura brasileira", *Minerva Brasiliense*, n° 14, 15 de maio de 1844.

SOUSA Antônio Gonçalves Teixeira e, *Os Três dias de um noivado*, Rio de Janeiro, Paula Brito, 1844.

THIESSE, Anne-Marie, *La création des identités nationales. Europe* XVIII-XXe, Paris, Le Seuil, 1999.

VILLEMAIN, Abel-François, *Tableau de l'éloquence chrétienne au quatrième siècle*, Paris, Didier, 1849.

WOLF, Ferdinand, *Le Brésil littéraire. Histoire de la littérature brésilienne suivie d'un choix de morceaux tirés des meilleurs auteurs brésiliens*, Berlin, A. Ascher & Co., 1863

NOTES

1 O conceito de "Letras" deve ser tomado aqui em seu sentido mais amplo, incluindo várias disciplinas agora autônomas, tais como literatura, história, filosofia, etc.

2 THIESSE, 1999.

3 ESPAGNE, WERNER, 1988, p. 5.

4 *Ibid.*, p. 28.

5 ROZEAUX, 2019 (1), p. 265-289.

6 COUTINHO, 1965, p. 100-101. "Mais cedo do que outros países, o império americano possuirá uma literatura opulenta que ofusque este período embrionário; mas estou convencido de que minha pátria no seu apogeu não esquecerá o modesto nome dos primeiros, embora toscos, obreiros, que trabalharam no *grande monumento nacional*." (grifo nosso)

7 ROZEAUX, 2019 (2), cap. 2.

8 SCHWARCZ, 2008.

9 CHARLE, ROCHE (dir.), 2002.

10 Porto Alegre, 1896, p. 520.

11 GARRETT, 1858, p. XII-XIII.

12 Ele co-traduziu duas obras da época colonial: *Marília de Dirceu*, Paris, Panckoucke, 1825; *Caramuru ou la découverte de Bahia, Roman-poème brésilien*, Paris, Renduel, 1829, 3 vols.

13 Faria, 1965, p. 68-149.

14 "Ao Leitor", in *Revista Nitheroy*, 1836, p. 6.

15 HOMEM, 1836, p. 246-256.

16 MAGALHÃES, 1836, p. 5.

17 CHATEAUBRIAND, 1966, vol. 1, p.46 [tradução nossa].

18 *Ibid.*, vol. 1, p. 25 [tradução nossa].

19 *Ibid.*, p. 27 [tradução nossa].

20 SILVA, 1844, p. 417.

21 WOLF, 1863, p. 144-145 [tradução nossa].

22 *Minerva Brasiliense*, 1843, n° 1, p. VI.

23 *Minerva Brasiliense*, 1844, n° 7, p. 200. Adolphe Mazure escreveu uma obra intitulada *Spiritualisme et progrès social. Esquisses du temps présent*, Paris, chez Delloye, 1834. O artigo traduzido tinha sido publicado inicialmente na França em 1833: *La France littéraire*, 1833, t. X, p. 86-104.

24 SOUSA, 1844, p. XXI.

25 Romualdo Antônio de Seixas foi um religioso, arcebispo da Bahia, pregador da Capela Imperial e presidiu as cerimônias de coroação de Pedro II. Participou de muitas sociedades literárias e científicas, incluindo o IHGB.

26 FREIRE, 1869, p. 74.

27 Gisèle Sapiro lembrou com razão que, para os homens do século XIX, particularmente do primeiro século XIX, "a religião é composta do dogma, adoração e moralidade: enquanto dogmas e cultos diferem, a moralidade é imutável, é a 'ciência da moral', é a base comum para todos os cultos, porque é composta de preceitos e 'verdades' como a existência de Deus e a imortalidade da alma" (SAPIRO, 2011).

28 RIBEIRO, 1843, p. 7-23.

29 *Minerva Brasiliense*, n° 8, 15 de fevereiro de 1844, p. 226.

30 LEFRANC, 1998 [tradução nossa].

31 *Ibid.*, p. 585.

32 COUSIN, 1991, p. 170.

33 *Ibid.*, p. 234 [tradução nossa].

34 OLIVEIRA, 1859, n° 3, p. 602-603.

35 O franciscano aproveita a recente abertura de livrarias francesas, como a de Plancher, para ter acesso a esta recente produção filosófica.

36 CANDIDO, 2006, p. 360.

37 PINHEIRO, 1854, p. 215-220.

38 VILLEMAIN, 1849.

39 Orador famoso, Frayssinous é o autor de um ensaio intitulado *Défense du christianisme, ou Conférences sur la religion* (1825). Par da França, grande mestre da universidade e depois ministro dos assuntos eclesiásticos e da instrução pública, e membro da A*cadémie Française*, ele foi escolhido por Charles X, em seu exílio em Praga, para ser o tutor do Duque de Bordeaux.

40 *Revista do IHGB*, 1869, t. 9, p. 561.

41 MONTE ALVERNE, 1853, p. III-XVI.

42 MONTE ALVERNE, 1859.

43 CANO, 2001, p. 277.

44 MAGALHÃES, 1865, p. 8.

45 *Ibid.*, p. 134.

46 ROZEAUX, 2019 (1), p. 265-289.

47 *Coleção de diversas peças*, 1837, p. 73.

48 Sobre a conversão ao Regresso conservador dos intelectuais românticos e a questão sensível da escravidão, ver FERRETTI, 2014, p. 55-80.

49 ROZEAUX, 2014, p. 107-119.

50 ALENCASTRO, 1980, p. 304.

51 ROZEAUX, 2022.

RÉSUMÉS

Português

O projeto de fundação de uma literatura nacional no Brasil foi formulado a partir da década de 1830 por um punhado de jovens homens de letras, entre o Rio de Janeiro e Paris. Sua trajetória intelectual coletiva inscreve-se plenamente no clima contrarrevolucionário que prevalecia na Europa, desde 1815 e o Congresso de Viena. Assim, as chamadas “Letras Pátrias” - aquelas letras em que o patriotismo é o valor primordial - são definidas, em certa medida, como uma reação às ideias herdadas do Iluminismo, acusadas de terem

mergulhado a Europa no horror da revolução e da guerra civil. Os escritores brasileiros reivindicaram seu apego à religião católica e elogiaram as virtudes da filosofia eclética, na medida em que rompia com o sensualismo e o materialismo atribuído ao Iluminismo. Não se tratava de recusar o Iluminismo como um todo, mas de inscrever a nova cultura nacional no Brasil numa filosofia da história compatível tanto com a exigência de modernidade, de que o império constitucional brasileiro desejava ser uma encarnação, quanto com o espírito contrarrevolucionário ao qual esses homens de letras do Brasil império, que relutavam em se definir como "românticos", haviam sido formados.

Français

Le projet de fonder une littérature nationale au Brésil est formulé à partir des années 1830 par une poignée de jeunes hommes de lettres, depuis Rio et Paris. Leur trajectoire intellectuelle collective s'inscrit dans le climat contre-révolutionnaire qui anime l'Europe depuis 1815 et le congrès de Vienne. Ainsi, les *Letras Pátrias* – ces lettres dont le patriotisme est la valeur primordiale – se définissent, dans une certaine mesure, en réaction aux idées héritées des Lumières, accusées qu'elles sont d'avoir plongé l'Europe dans l'horreur de la révolution et de la guerre civile. Les écrivains brésiliens revendiquent à rebours leur attachement à la religion catholique et louent les vertus de la philosophie éclectique en ce qu'elle rompt avec le sensualisme ou le matérialisme prêté aux Lumières. Il ne s'agit pas pour autant de faire table rase des Lumières, notamment dans leur version française, mais d'inscrire la nouvelle culture nationale au Brésil dans une philosophie de l'histoire qui soit compatible tant avec l'exigence de modernité, dont l'empire constitutionnel brésilien veut être une incarnation, qu'avec l'esprit contre-révolutionnaire auquel ont été nourris au cours de leurs années de formation ces hommes de lettres qui semblent peu enclins à se désigner comme « romantiques ».

English

The project of founding a national literature in Brazil was formulated in the 1830s by a handful of young men of letters from Rio and Paris. Their collective intellectual trajectory was part of the counter-revolutionary climate that had swept Europe since 1815 and the Congress of Vienna. The *Letras Pátrias* - letters in which patriotism was the overriding value - were to some extent a reaction to the ideas inherited from the Enlightenment, which were accused of having plunged Europe into the horror of revolution and civil war. Brazilian writers claimed their attachment to the Catholic religion and praised the virtues of eclectic philosophy, which broke with the sensualism and materialism attributed to the Enlightenment. This does not mean wiping the slate clean of the Enlightenment, particularly in its French version, but rather inscribing the new national culture in Brazil within a philosophy of history that is compatible both with the demand for modernity, which the Brazilian constitutional empire seeks to embody, and with the counter-

revolutionary spirit nurtured during their formative years by these men of letters, who seem reluctant to refer to themselves as 'Romantics'.

INDEX

Mots-clés
Littérature nationale, Brésil, éclectisme, contre-révolution, XIXe siècle

Keywords
Nnational literature, Brazil, eclecticism, counter-revolution, 19th century

Palavras chaves
literatura nacional, Brasil, ecletismo, contrarrevolução, século XIX

AUTEUR

Sébastien Rozeaux
Université Toulouse-Jean-JaurèsFRAMESPASébastien Rozeaux é professor adjunto em História moderna e contemporânea na Universidade de Toulouse-Jean Jaurès. É membro do centro 5136 FRAMESPA. Especialista em História do Brasil no século XIX, é autor do livro *Préhistoire de la lusophonie. Les relations culturelles luso-brésiliennes au XIXe siècle* (2019) e de *Letras Pátrias. Les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil, 1822-1889* (sous presse). É membro dos comités de redação das revistas *Caravelle*, *Brésil(s)*, *Cultura* e *e-Storia. Les Cahiers de Framespa*. É diretor da última desde 2019